

# SÉRIE “COSMOS” E A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: UMA VIAGEM EM SEU GÊNERO, MODOS E MEIO DE APRESENTAÇÃO ENQUANTO DOCUMENTÁRIO\*

Silvana Simão Baratto

Centro Universitário Estácio Ribeirão Preto

DOI: 10.25768/20.04.01.029

**RESUMO:** Este artigo analisa a série “Cosmos” enquanto documentário de divulgação científica, nas suas duas versões, ou seja, a famosa produção de 1980 e a sua versão atualizada de 2014. Para viabilização deste estudo, foi utilizada como metodologia a pesquisa bibliográfica em materiais impressos e digitais. O estudo efetuado confirma que a série é de caráter documental, por seus modos de apresentação, pelo meio de comunicação utilizado e ambas as produções são marcadas pelo uso da tecnologia como instrumento de adequação da linguagem científica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cosmos; documentário; versão; divulgação científica.

**ABSTRACT:** This article analyzes the series "Cosmos" as a documentary of scientific divulgation, in its two versions, that is, the famous production in 1980 and its updated version in 2014. To make this study feasible, it was used as methodology the bibliographical research on printed and digital materials. The study confirms that the series is documentary, by its modes of presentation, by the means of communication used and both productions are marked by the use of technology as an instrument of adequacy of scientific language.

**KEYWORDS:** Cosmos; documentar; version; scientific divulgation.

---

<b>Índice</b>			
Introdução . . . . .	2	2.1 O “Cosmos dos anos 80” . . . . .	4
1 Divulgação científica: uma breve análise de seus primórdios e sua popularização . . . . .	2	3 O “Cosmos de 2014” . . . . .	6
2 “Cosmos”: Ciência como entretenimento . . . . .	4	4 O “Cosmos” enquanto documentário	7
		Considerações Finais . . . . .	8
		Referências . . . . .	8

---

\*Artigo originalmente publicado em (2019). *Rev. Científica Eletrônica Estácio*, 12(12): 248-262, jun/dez. Ribeirão Preto.

© 2020, Silvana Simão Baratto.

© 2020, Universidade da Beira Interior.

O conteúdo deste artigo está protegido por Lei. Qualquer

forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação da totalidade ou de parte desta obra carece de expressa autorização do editor e do(s) seu(s) autor(es). O artigo, bem como a autorização de publicação das imagens, são da exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

## Introdução

ESTE artigo tem por objetivo analisar de forma comparativa (enquanto gênero) o documentário “Cosmos” em suas duas versões, ou seja, a primeira versão, veiculada em 1980 e seu *remake* de 2014. Tal análise é feita a partir, principalmente, dos trabalhos de Bill Nichols (2008), Benvenido León (1999) e Mirian Salcedo de Prado (2010), os quais tratam de características, produção e história do gênero documentário.

Em termos práticos, o documentário “Cosmos” não só será analisado mediante a comparação entre suas duas versões no quesito produção, mas também será analisado em seu modo de criação (enquanto gênero), como o meio de veiculação escolhido (ou seja, a televisão) bem como seu modo (ou modos) de comunicação pública da ciência.

Há que se ressaltar ainda que, para efeito de delimitação do tema e orientação ao objetivo proposto, o documentário “Cosmos” não é analisado em todos os seus episódios, mas apenas o episódio 1, da série. Ou seja, são estudados aqui o episódio, da versão de 1980 e o episódio 1, da versão de 2014 (o qual foi uma regravação do episódio 1, da década de 80).

Para a viabilização deste estudo, foram coletadas informações através de pesquisa bibliográfica (conforme autores citados acima e dentre outros) e pesquisa em *sites* relacionados aos episódios de “Cosmos” (e demais *sites* relacionados ao tema)

Assim sendo, nos conteúdos a serem apresentados, a seguir, buscou-se as respostas aos questionamentos: quais diferenças e semelhanças existem entre o documentário “Cosmos” do passado e aquele da atualidade, enquanto gênero?

A realização desta análise está organizada da seguinte forma: inicialmente, serão apresentados os primórdios da divulgação científica e sua relação com o gênero documentário. É importante destacar aqui que o meio de difusão apresentado é a televisão e sua importância histórica na divulgação científica. Neste estudo, não se considerou a importância ou re-

levância de outros meios, (ou os mais modernos), de comunicação e informação, (como no caso, a *internet*). Tal observação se justifica uma vez que seja possível também assistir ao documentário, via computador. Mas, este não é o meio analisado neste artigo.

Em seguida, serão apresentadas informações sobre o episódio 1 e suas características em ambas produções, ou seja, tanto a produção do passado quanto a, do presente. Por fim, caracteriza-se o episódio enquanto documentário em seu modo de apresentação.

## 1 Divulgação científica: uma breve análise de seus primórdios e sua popularização

Esta seção se inicia apresentando um pouco da história da divulgação científica. Destacam-se os meios que foram empregados para tal, qual o canal que ampliou a difusão científica e sua relação com o gênero/formato sob o qual se apresenta a série “Cosmos”.

A princípio, a divulgação científica tem sua origem entre os séculos XVII e XVIII e é graças ao seu surgimento que ocorre a interface entre a ciência e a sociedade (aqui, subentende-se sociedade como todos os demais indivíduos “leigos” nos saberes científicos). Inicialmente, conforme León (1999), o grande público teve acesso à divulgação científica por meio de artigos em jornais e em revistas. Este foi o primeiro contato entre os cidadãos comuns e a ciência, principalmente no que tange à acessibilidade dos jornais. Com o passar dos anos, os saberes científicos cada vez menos se limitariam a um grupo pequeno de pessoas. Então, devido aos avanços tecnológicos dos meios de divulgação, surgiram novos meios de comunicação e, portanto, de difusão da ciência. Em fins do século XIX e início do século XX, após muitos experimentos, surgiu o rádio e por volta da década de 20, eis que surge a televisão. Nenhum outro meio de comunicação teve papel tão decisivo na difusão do saber, da ciência, como a televisão, que como De Prado (2010: 30) menciona: “*el médio com mayor potencial difusor*”

*de información científica*”<sup>2</sup> e bem como define Bourdieu (1997: 18), “[...] Com a televisão, estamos diante de um instrumento que, teoricamente, possibilita atingir todo mundo[...]”. É interessante notar que na citação desse autor, ao mencionar “todo mundo”, subentende-se todas as camadas da sociedade, sem escalas de nível educacional, cultural ou domínio do saber “superior”, o que ratifica o poder de difusão mencionado pela autora anterior.

Contudo, o processo de popularização não se faz da mesma forma com que se pesquisa ou se descobre algo novo (ou seja, com métodos e critérios de conhecimento exclusivos+ de inventores e cientistas). Há que se ter certa adequação da linguagem científica, para que o público em geral, aquele que irá receber os novos saberes, entenda de fato o que é transmitido e, de fato, absorva o novo conhecimento. É o que De Prado (2010: 39) afirma:

*[...] los expertos reconocen el enorme poder de los medios de comunicación como agentes que influyen directamente en el público. En concreto, destacan el potencial de la televisión, en la que el documental representa el género más ventajoso. Así, un acercamiento de la televisión, como ventana preferida por el público para acceder a la ciencia, possibilita comprender los motivos por los que el género documental resulta la conjugación ideal para presentar el contenido especializado de forma efectiva, es decir, inteligible, atractivo y fiel a la verdad científica[...]*<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Tradução: “o meio com maior potencial difusor de informação científica” (De Prado, 2010, p.30, tradução minha).

<sup>3</sup> [...]Os especialistas reconhecem o enorme poder dos meios de comunicação como agentes que influenciam diretamente o público. Em particular, destacam o potencial da televisão, na qual o documentário representa o gênero mais vantajoso. Assim, uma aproximação da televisão, como janela preferida pelo público para acessar a ciência, possibilita compreender os motivos pelos quais o gênero

documentário resulta na conjugação ideal para apresentar o conteúdo especializado de forma efetiva, ou seja, inteligivelmente, atrativo e fiel a verdade científica [...] (De Prado, 2010: 39, tradução minha).

É possível perceber que na visão da autora, acima, reforça-se não somente o poder difusor da televisão, mas também é confirmada a necessidade da adequação de conteúdo para o acesso do público e a difusão, na prática, dos saberes científico. Deste modo, o documentário, segundo a autora, é considerado o gênero ideal para tal difusão. Isso é confirmado, ao menos em parte da Europa, onde “[...] (51%) señalan en primer lugar los documentales ‘como el mejor formato para presentar la información científica[...]”<sup>4</sup> (European Commission, 2007b:55, *apud* De Prado, 2010: 41). O que parece uma amostra bastante representativa.

Neste ponto, já é possível estabelecer relação direta com o documentário “Cosmos”, pois é a partir daqui que são compreensíveis não só o formato no qual esta série foi elaborada, por quais razões foi elaborada e o tamanho sucesso de audiência que atingiu. E cabe salientar que o tema tratado nessa série não é algo tão simples ou fácil; no caso, o Cosmos em toda sua extensão. Este documentário explica o Universo desde seus primórdios até os dias atuais.

Em síntese, para tratar de Ciência de forma democrática, ampla e efetiva, os idealizadores da série não poderiam ter escolhido outros formato/canal melhores, pois a série encanta gerações até os dias atuais. Este tamanho sucesso confirma, na prática, que de fato, ao que escreveram os autores, acima, o documentário é um dos melhores formatos de difusão dos saberes científicos, uma vez que se executa através de um dos melhores meios de popularização da informação, no caso, a televisão.

documentário resulta na conjugação ideal para apresentar o conteúdo especializado de forma efetiva, ou seja, inteligivelmente, atrativo e fiel a verdade científica [...] (De Prado, 2010: 39, tradução minha).

<sup>4</sup> Tradução: “[...] (51%) indicam em primeiro lugar os documentários como o melhor formato para apresentar a informação científica[...]” (European Commission, 2007b:55, *apud* De Prado, 2010: 41, tradução minha).

## 2 “Cosmos”: Ciência como entretenimento

Para início desta seção, é importante destacar que o título do episódio 1, da década de 80, não é o mesmo daquele produzido em 2014. Para o episódio 1, de 1980, o título é “As margens do Oceano Cósmico” e na versão de 2014, o título é “De pé na Via Láctea”.

Ao longo deste capítulo, perceber-se-á similaridades entre as duas produções bem como diferenças, até mesmo de conteúdos entre uma época e outra. Desnecessário mencionar a diferença do nível de produção quanto aos recursos tecnológicos de cada época.

Especificamente, no episódio 1, que é o episódio analisado neste artigo, o tema apresentado e explicado é a origem do Universo, a formação e a constituição dos planetas, das estrelas, um pouco sobre a história antiga e as descobertas do homem no passado e nos dias atuais. Em síntese: trata-se de uma verdadeira “aula de Ciências”, veiculada pela televisão.

A versão da década de 80 foi desenvolvida (e apresentada) pelo astrofísico norte-americano Carl Sagan. Já a versão de 2014, foi desenvolvida pela mesma equipe que auxiliou a criação e produção de Sagan, porém é apresentada por seu ex-pupilo, o também astrofísico norte-americano Neil deGrasse Tyson.

No Brasil, a versão de Sagan foi difundida pela televisão de sinal aberto, no caso pela Rede Globo. Já a versão de 2014 foi veiculada pela televisão de sinal fechado, FOX (*Fox eXtended Networks*) e NTGO (*National Geographic Channel*). Não cabe aqui especificar faixa horária e nem o tipo de sinal, pois isso envolveria outra análise, distanciando este estudo dos objetivos propostos, anteriormente. Mas é interessante observar que o canal NTGO se destina à exibição de conteúdos relacionados à natureza, à sociedade e à ciência, muitos destes em formato documentário.

Mas retomando, ambas versões apresentam a Ciência como entretenimento, uma vez que a série foi desenhada e projetada para a televisão e seu objetivo maior, no lançamento

da série, era: “levar conhecimento científico a todos”, conforme declarava a equipe de Sagan.

Se “Cosmos” é uma verdadeira “aula de Ciências”, a sala de aula é qualquer lugar que tenha uma televisão. Se para ministrar uma aula, necessita-se de um professor, Sagan e Tyson vão além do papel docente, convertendo-se em verdadeiros “guias turísticos” de uma jornada conduzida pela “nave da imaginação”. “Cosmos” desconstrói o conceito de local formal para difusão do conhecimento e com o auxílio de ferramentas tecnológicas (e muita criatividade) transforma algo, a princípio, tão complexo, em algo prazeroso. A seguir, serão apresentadas as características comuns e diferentes entre uma produção e outra.

### 2.1 O “Cosmos dos anos 80”

Na versão de 1980, o episódio 1 possui 1hora:00minuto:26segundos (esta versão é aquela postada na *internet* e conta, em sua abertura, com a participação da esposa de Sagan, a escritora Ann Druyan).

A série “Cosmos” foi criada durante a Guerra Fria e em um período cujos recursos tecnológicos ainda eram limitados se comparados à diversidade ferramental que o homem possui hoje. (Na próxima, será possível perceber o quanto a versão de 2014 explora a diversidade de recursos digitais para a composição de seus quadros, em detrimento da versão de 1980 que, dentro dos recursos tecnológicos da época, consegue se comunicar com o seu público).

Em todo o episódio 1, Sagan atua como apresentador e a bordo de uma nave, chamada “nave da imaginação”, viaja pelo espaço sideral, mostrando o Universo, suas características, seus planetas e estrelas. Nessa versão, a “nave da imaginação” é uma nave reproduzida em estúdio, ampla e de cor toda branca, bem como as roupas do apresentador, que também são de tons claros (quando este se encontra dentro da nave).

No interior desta nave, há uma tela frontal

bem ampla e uma tela “virtual” que, ao comando das mãos de Sagan, abre-se no chão. Este é um aspecto interessante do episódio, pois é como se Sagan possuísse “poderes mágicos”. É oportuno observar que a “nave da imaginação”, desta versão, não apresenta sua fachada externa, mas apenas a interna. Ou seja, o telespectador vê somente enquadramento da cena do interior da nave, nunca é enquadrada uma cena com o exterior da nave, enquanto essa percorre o Espaço Sideral.

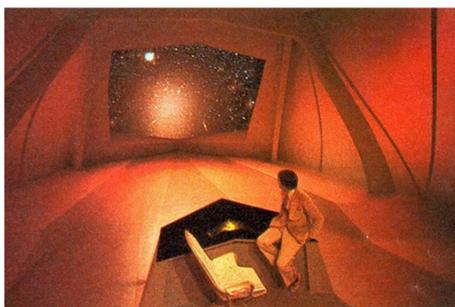


Imagem 1. Seagan no interior da “nave da imaginação”, versão 1980

Fonte: [www.universoracionalista.org/wp-content/uploads/2014/08/374\\_144-alt-nave-sagan.jpg](http://www.universoracionalista.org/wp-content/uploads/2014/08/374_144-alt-nave-sagan.jpg).

Acesso em: 13 fevereiro, 2018.

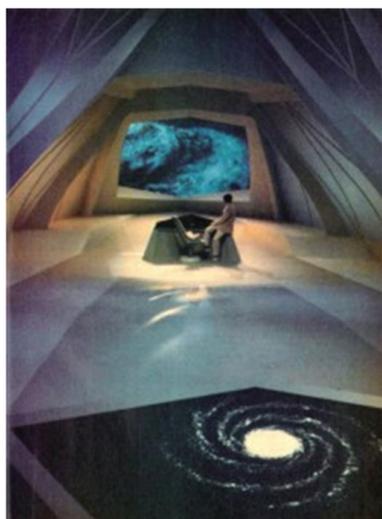


Imagem 2. Detalhe da tela virtual, no interior da “nave da imaginação”

Fonte: [www.universoracionalista.org/wp-content/uploads/2014/08/nave-da-imagina%C3%A7%C3%A3o.jpg](http://www.universoracionalista.org/wp-content/uploads/2014/08/nave-da-imagina%C3%A7%C3%A3o.jpg). Acesso em: 13 de fevereiro de 2018.

Após transitar pelo Universo, informando

o telespectador sobre a formação e constituição desse, Sagan avança cronologicamente, quadro a quadro, até chegar ao período da história antiga. Para ilustrar este quadro, Sagan vai, pessoalmente, até a cidade de Alexandria, no Egito, para explicar a importância da Universidade de Alexandria para a produção e pesquisa científica, da época. Para melhor ilustrar esta etapa, a universidade foi “reconstruída” digitalmente e, neste espaço virtual, Sagan caminha por todas as “seções” da instituição.

Um aspecto curioso da história antiga é a apresentação que Sagan faz do filósofo, astrônomo e matemático (dentre outras funções) Eratóstenes (276 a.C. - 194 a.C.) e sua importância para Ciência. Eratóstenes foi quem descobriu que a Terra é curva. Além desta figura emblemática, Sagan também fala das importâncias de Euclides, Dionísio, Hierófilo, Arquimedes, Ptolomeu (dentre outras personalidades) quanto ao apoio à pesquisa e à erudição. Contudo, uma figura ganha destaque ainda maior por seu trabalho. É por meio do livro do astrônomo e matemático grego Aristarco de Samos (310 a.C. - 230 a.C.) que se apresenta o planeta Terra orbitando, juntamente com outros planetas, em torno do Sol e não o contrário, como ainda se acreditou durante toda a Idade Média. Sagan revela ao telespectador, então, que a teoria heliocêntrica existe desde a Idade Antiga. Assim, quadro a quadro, é apresentada uma sequência de fatos históricos que mostram a evolução histórica da Astronomia até os dias atuais.

Mais um avanço e a narrativa chega à década de 20, a qual é retratada com uma música típica da época. Para finalizar, Sagan explica a escala de tempo do Universo por meio do “Calendário Cósmico”. Por meio desse, a criação do Universo se daria em janeiro e o surgimento do homem se daria, apenas, em dezembro. Isso ilustra ao telespectador o quanto o surgimento do homem no planeta é recente em relação à criação do Universo.

### 3 O “Cosmos de 2014”

O episódio 1, deste *remake* da década de 80, possui 43minutos:47segundos. Nesta versão, quem “transita” pelo espaço é o ex-pupilo de Sagan, conforme já mencionado anteriormente, o astrofísico Neil deGrasse Tyson. Vestindo roupas escuras, ao contrário do mestre, Tyson também está a bordo da “nave da imaginação”. Nesta versão, a “nave” possui fachada de cor escura e apresenta um *design* muito mais arrojado. A princípio, dá a impressão de não possuir paredes, pois no lugar destas há uma grande extensão de vidro, como se fosse uma imensa tela, não apenas frontal, mas que vai de um lado a outro da nave. Durante o passeio pelas Galáxias, também é possível ver sua fachada externa.



Imagem 3. Neil deGrasse Tyson no interior da “nave da imaginação”, versão 2014

Fonte: <http://bitaites.org/wp-content/uploads/2014/03/capitao-tyson-na-enterprise-da-imaginacao-3.jpg>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2018.



Imagem 4. Visão externa da “nave da imaginação”, versão 2014

Fonte: <http://interprete.me/wp-content/uploads/2015/06/cosmos-serie-netflix-nave-da-imaginacao-600x400.jpg>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2018.

Para atrair ainda mais o público que está assistindo ao episódio e no intuito de fazê-lo entender sobre o que está sendo apresentado, percebe-se que há uma verdadeira exploração de recursos tecnológicos para melhor elucidação dos temas. Não só há um Espaço Sideral muito melhor reproduzido digitalmente, bem como há o emprego de animação gráfica por meio de desenhos que ilustram, por exemplo, a importância do teólogo e filósofo italiano Giordano Bruno (1548-1600) para a história da humanidade.

A trajetória de Giordano Bruno é apresentada por meio de um desenho animado e se inicia quando ele lê um dos livros “banidos pela Igreja”, escrito pelo poeta e filósofo romano Lucrécio (99 a.C. – 55 a.C.). Segundo este livro “proibido”, Deus e toda sua criação são infinitos. Então, Giordano Bruno começa a difundir a afirmação sobre a infinitude do Universo em todos os lugares e para todas as pessoas. Contudo, Giordano Bruno não possuía evidências sobre o que afirmava. É totalmente compreensível ao telespectador, a partir disto, as razões que o levaram à fogueira da Santa Inquisição. É interessante notar que para apresentar o quadro que trata de Giordano Bruno, Tyson, a exemplo de Sagan, viaja para a cidade de Roma, na Itália, local onde tudo ocorreu.

Nesta versão atual, Tyson também apresenta o “Calendário Cósmico”, a exemplo de Sagan.

Mas algo faz o telespectador indagar: Por que na década de 80, enquanto Sagan fala da importância de grandes nomes da história antiga greco-egípcia para o conhecimento científico, Tyson, em 2014, não repete o que o mestre disse, mas ao contrário, ele apresenta novas figuras, da história antiga romana? Cabe aqui observar que, independentemente das personalidades citadas, tanto em uma produção quanto em outra, tanto Sagan quanto Tyson resgatam as grandiosas contribuições de pensadores, do mundo antigo, para o conhecimento científico da humanidade, e sobre as quais a Ciência se apoia até hoje. Ou seja,

ambos apresentadores informam, em sua jornada, os pilares a partir dos quais se desenvolveriam outros saberes, no campo científico.

#### 4 O “Cosmos” enquanto documentário

Esta seção analisa a série “Cosmos” enquanto gênero documentário. Para se entender a questão de gênero na produção cinematográfica, recorre-se ao professor e pensador dos estudos do cinema, o norte-americano Bill Nichols. Conforme Nichols (2008) definiu, todo filme é documentário e este se divide em documentário de satisfação de desejos e documentário de representação social. Ao primeiro tipo, pertencem todos os chamados filmes de ficção; já ao segundo, pertencem os filmes de não-ficção.

Contudo, por seu caráter não-ficcional, não se deve conceituar documentário enquanto “reprodução” da realidade. Assim Nichols (2008: 47- 48), novamente, esclarece:

[...] ele não é uma reprodução da realidade, é uma representação do mundo em que vivemos. Representa uma determinada visão de mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares. Julgamos uma reprodução por sua fidelidade ao original – sua capacidade de se parecer com o original, de atuar como ele e de servir aos mesmos propósitos. Julgamos uma representação mais pela natureza do prazer que ela proporciona, pelo valor das ideias ou do conhecimento que oferece e pela qualidade da orientação ou da direção, do tom ou do ponto de vista que instila. Esperamos mais da representação que da reprodução. (grifos meus).

Os grifos, apresentados na citação acima, destacam aspectos pertencentes ao perfil da

série “Cosmos”. Se esta é uma produção que divulga o saber científico e o faz de forma democrática e ampla, efetiva-se, então, pelo prazer que proporciona.

Prazer este, obtido através de uma produção artística complexa. Conforme mencionado em seções anteriores, há alta aplicação de recursos tecnológicos, principalmente na versão de 2014, além disso, a cada quadro, em ambas versões, há um fundo musical compatível com cada cena apresentada. Os cortes de cada cena possuem uma lógica de sequência. Além de apresentadores, Sagan e Tyson também são os narradores/locutores de cada quadro. Enquanto a narração de Sagan é suave e tranquila, Tyson imprime força, agilidade e dramaticidade em sua voz. Em grande parte das cenas, o tema é narrado por *voz-over*, ou “voz de Deus” (locução do apresentador). É neste ponto que se observa o modo de documentário ao qual “Cosmos” pertence, ou seja, o modo expositivo que, segundo Nichols (2008: 62), “ênfatiza o comentário verbal e uma lógica argumentativa”.

Contudo, analisando profundamente o quesito “modo”, também é possível afirmar que “Cosmos” possui o *modo reconstructivo y estilo visual ficcional (sic)*, que segundo Van Dijck (2006, *apud* De Prado, 2010: 44):

*Atraves de esta modalidad se muestran acontecimientos, logros y descubrimientos científicos pasados gracias a técnicas propias de la ficción, como las reconstrucciones, la representación y planificación de escenas. La imposibilidad de captar un suceso histórico de gran relevancia a tempo real se soluciona com la incorporación de atractivas imágenes que incrementan substancialmente el potencial narrativo del documental científico. Estas hibridaciones entre realidad y ficción [...] es-*

*tán generalmente aceptadas para la transmisión de la ciencia [...]*<sup>5</sup>

Ou seja, de acordo com tudo o que foi mencionado sobre características e situações apresentadas no episódio 1, de ambas versões, houve, de acordo com o tema tratado, certa “reconstrução” do período histórico para os dias atuais e tudo feito de forma muito atrativa dentro das possibilidades tecnológicas de cada época e da capacidade criativa da equipe produtora. Como exemplos, retoma-se a reconstrução virtual da Universidade de Alexandria, por meio da encenação com atores, na década de 80, e a saga de Giordano Bruno, reproduzida em desenho animado, em 2014. Interessante notar que as falas do desenho animado estão em inglês com leve sotaque italiano.

### Considerações Finais

Após conhecer os primórdios da divulgação científica, o uso da televisão como meio de difusão e a conceituação do gênero documentário, é possível compreender as características da série “Cosmos”. E a partir disso, também se confirma a série enquanto um documentário, por suas características enquanto representação social, seus modos de apresentação, e seu meio de difusão. Tais características não se perderam entre uma produção e outra, pois ambas as produções preservaram as mesmas características enquanto documentário.

Enfim, este artigo analisou, enquanto gênero documentário, o episódio 1 da série “Cosmos”, em suas duas versões. Após pesquisas, observações e reflexões, é possível constatar que ambas as produções possuem semelhanças e diferenças. Dentre as semelhanças, são exemplos a apresentação do “Calendário Cósmico”, a “nave da imaginação” e

a jornada pelo Espaço Sideral. Quanto às diferenças, é exemplo marcante a distinção de recursos tecnológicos utilizados para a reprodução de fatos, objetos e seres do mundo das Ciências, no intuito de adequação da linguagem científica, entre uma época e outra. Mas, reservadas as devidas proporções, o emprego de recursos tecnológicos para explicar os conteúdos, nas duas versões, também se constitui em semelhança. A tecnologia para esta série é um recurso didático-pedagógico que adequa a comunicação do conhecimento científico ao meio de difusão escolhido. Se, em tese, televisão é um veículo de informação e entretenimento, então “Cosmos” faz jus a seu gênero e a seu meio de veiculação. Conclui-se, assim, que a pergunta inicial deste artigo – quais diferenças e semelhanças existem entre o documentário “Cosmos” do passado e aquele da atualidade, enquanto gênero? – foi respondida.

### Referências

- Bourdieu, P. (1997). *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- De Prado, S. (2010). Hacia una definición de documental de divulgación científica: subgénero destacado para la comunicación de la ciencia. In B. León (coord.), *Ciencia para la televisión* (pp. 29-45). Barcelona: Editorial UOC.
- León, B. (1999). *El documental de divulgación científica*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, S.A.
- Nichols, B. (2008). *Introdução ao documentário*. Campinas, SP: Papirus Editora, 3ª ed.

<sup>5</sup> Tradução: Através desta modalidade se mostram acontecimentos, ganhos e descobrimentos científicos ocorridos graças a técnicas próprias da ficção, como as reconstruções, a representação e o planejamento das cenas. A impossibilidade de captar um sucesso histórico de grande relevância em tempo real, soluciona-se com a incorporação

de atrativas imagens que incrementam substancialmente o potencial narrativo do documentário científico. Estas hibridizações entre a realidade e a ficção [...] estão geralmente para a transmissão da ciência [...] (Van Dijck, 2006, *apud* De Prado, 2010: 44, tradução minha)

Página 3 Pedagogia & Comunicação. (s.d.). *Biografias*. UOL Educação. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/biografias>. Acessado em 23/01/2016.

Sagan, C. (2011, junho 10). As margens do oceano cósmico. *YouTube*. Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=aUOXaykWIMg](http://www.youtube.com/watch?v=aUOXaykWIMg). Acessado em: 07/01/2016.

Sagan, C. (s.d.). De pé na via Láctea. *Filmes on line grátis*. Disponível em: [www.filmsonlinegratis.net/assistir-cosmos-a-space-time-odyssey-todas-as-temporadas-dublado-legendado-online.html](http://www.filmsonlinegratis.net/assistir-cosmos-a-space-time-odyssey-todas-as-temporadas-dublado-legendado-online.html). Acessado em: 12/01/2016.